

“Sou negra, ponto-final”: a construção identitária negra feminina na poesia de Alzira Rufino

“I am black, period”: the construction of black women identity in Alzira Rufino's poetry

Douglas Rodrigues De Sousa, doug.rsousa@gmail.com

Resumo: Nas últimas décadas, o tema “literatura e identidade” tem ganhado maior notoriedade nos espaços de produção literários e acadêmicos. Isso inclui a renovação e o papel da nova poesia do século XX, em que se destaca o papel da poesia identitária. Vozes dos grupos excluídos da literatura utilizam-na como forma e função social de denúncia e apresentação das temáticas que revelam os preconceitos, lutas, anseios e percalços de quem está posto à margem das ordens estabelecidas. Nesse âmbito, empreendemos neste trabalho a leitura de alguns poemas do livro *Eu, mulher negra, resisto* (1988) da escritora afro-brasileira Alzira Rufino. Para tanto, percorremos vieses pelos quais a própria poesia da autora nos guiou, como o tema da literatura afro-brasileira, as relações identitárias, a memória negra e os elementos da cultura afro-brasileira. Como arcabouço teórico utilizamos autores como Bhabha (2010), Fanon (2008), Du Bois (1999), Munanga (1988), dentre outros, a fim de embasar a presente discussão.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira. Poesia Negra. Identidade. Alzira Rufino.

Abstract: *On the last decades the theme “literature and identity” has acquired more notoriety in the areas of literary and academic production. This includes renovation and the function of the new poetry of 20th century, highlighting the poetry of identity. The voices of the excluded groups from Literature use it as social way and function to complain and present the themes that reveal the prejudices, fights, yearnings and difficulties of those who are putted aside of the established orders. In this context, in this study we did read some poetry from the book “I, black woman, resist” (1988) of the Afro-Brazilian writer Alzira Rufino. To do that, we traveled through the trends where the author’s poetry guided us, like the Afro-Brazilian literature, the identity relationships, the black memory and the Afro-Brazilian culture elements. For the theoretical basis of this discussion we used authors like Bhabha (2010), Fanon (2008), Du Bois (1999), Munanga (1988) among others.*

Keywords: *Afro-Brazilian literature; Black poetry; Identity; Alzira Rufino.*

Nos últimos anos a literatura “afro-brasileira”, “literatura negra”, “afrodescendente” ou “negro-brasileira”¹ tem ganhado maior notoriedade e discussão nas academias e diversos eventos científicos realizados pelo país. Desde a aprovação da lei 10.639/03, durante esses anos de implantação, temos experimentado e ouvido falar com maior frequência de um segmento de literatura que antes parecia totalmente desconhecida do quadro de leitura dos brasileiros.

1 Todas essas são nomenclaturas que podemos encontrar para caracterizar a literatura escrita por negros, sendo que a crítica literária brasileira ainda não chegou a um consenso de qual termo utilizar para referir-se a essas produções.

Essa lei, aprovada no então governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no ano de 2003, serviu para reavaliar e acentuar ainda mais o panorama das questões afrodescendentes em nosso país. Com a criação das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2003) passa a ser obrigatório o ensino da História, Cultura, Educação Artística e a Literatura dos africanos e seus descendentes.

Foi pensando a partir do sistema de políticas de reparação que essas diretrizes foram elaboradas e estão em processo de implantação no Brasil. Em uma das passagens desse documento podemos ler:

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. [...] Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos [...] para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (BRASIL, 2004, p. 10).

Porém, é importante salientar que o tema da negritude no Brasil e suas produções literárias não nascem no ano de 2003 com a criação da referida Lei. Pelo contrário, esta só torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, sendo resultado das lutas e movimentos anteriores, que, inclusive, serviram para hoje desembocarem na construção de diretrizes como esta que utilizamos no introito deste trabalho.

A literatura dos negros e seus descendentes origina-se de tempos bem mais antigos, ou melhor, desde o início do processo de colonização, desde o aprisionamento e escravização dos povos africanos trazidos para as Américas. Esses povos, ao serem capturados e arrancados de suas terras de origem, trouxeram consigo as memórias, histórias, crenças e cultura. Os navios não transportaram apenas os negros, mas todas as suas tradições e histórias de vida, elementos que, mais tarde, fosse no formato primeiro da oralidade, ou depois no plano da escrita, formariam a literatura afro-brasileira.

Na esteira dos escritores negros, neste trabalho realizamos uma leitura da produção poética da escritora afro-brasileira, Alzira Rufino.

Nascida na cidade de Santos – SP, em 1949, Alzira dos Santos Rufino é negra, escritora e ativista política dos direitos da mulher na sociedade, sobretudo das mulheres negras. Desde cedo, Alzira Rufino destacou-se na luta contra a discriminação de raça e gênero, participando de várias organizações políticas e congressos nacionais e internacionais de discussões sobre a temática. Coordenou a Rede Feminista Latino-Americana e do Caribe contra a Violência Doméstica, Sexual e Racial, na sub-região do Brasil, sendo uma das responsáveis pela criação de diversas leis que positivam os direitos das mulheres. Tem artigos sobre a militância negra e o movimento das mulheres publicados em âmbito nacional e internacional.

O nome da santista e escritora negra já figurou entre os 52 brasileiros indicados ao Prêmio Nobel da Paz, no ano 2005. É uma das mulheres negras mais premiadas do Brasil. Conquistou títulos, que vão desde troféus a diplomas

ofertados pelos diversos segmentos da sociedade, e recebeu importantes homenagens, como, em 1991, o prêmio “Mulher do Ano – 1990” no Rio de Janeiro e outro pelo Poder Legislativo municipal de Santos – SP, e também da cidade de Cubatão, só para especificar algumas dessas homenagens atribuídas à escritora.

Por esses aspectos da trajetória de Alzira Rufino, ela tornou-se uma das mais importantes referências do movimento negro e de mulheres do Brasil, além da prestação de trabalho como fundadora de diversas ONGs, e na luta ao combate das práticas racistas e discriminatórias contra os afrodescendentes.

Para além do trabalho como militante política e de ações em trabalhos sociais, na vida de Alzira Rufino existiu, desde muito cedo, um elemento indispensável e fundamental na sua sustentação, enquanto sujeito, e que lhe permitiu ter seu trabalho divulgado: a palavra. Em especial, a palavra escrita.

Na bibliografia da escritora encontramos livros, que vão de poesias a textos em prosa, ou mesmo ensaios e cartilhas que versam sobre as questões da negritude brasileira, como mobilidade social, violência e discriminação contra a mulher negra, direitos humanos e cultura afro-brasileira.

As obras individuais que formam o conjunto literário da autora seguem-se na seguinte ordem de publicação: *Eu, mulher negra, resisto* (1988), livro de poesias; em seguida vieram *Muriquinho, piquinho* (1989), literatura infantil afrodescendente; *Qual o quê* (2006), livro de contos; *A mulata do sapato lilás*, romance; *Bolsa poética* (2010), livro de poesias. Rufino tem ainda poemas publicados nos *Cadernos Negros*, nos números 19, de 1986, e 21, de 1998. Encontramos também textos poéticos seus na coletânea “Finally us. Contemporary Black Brazilian Women Writers Colorado: Three Continent Press”, (1995). Trata-se de uma antologia de poetisas negras brasileiras, editada por Mirian Alves e Carolyn R. Durham, edição bilingue português/inglês. Foram encontrados também poemas e diversos textos no *site* da Casa de Cultura da Mulher Negra² e na revista *Eparrei*³. Foi a primeira escritora negra a ter seu depoimento registrado pelo Museu de Literatura Mário de Andrade, de São Paulo

Desse modo, Alzira Rufino tem uma vida aliada à palavra escrita em versos e prosa e atuante, como mulher negra, militante e combativa das injustiças sociais. Por sua

2 Endereço do site: <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br>. Nesse site, encontra-se um amplo material de textos poéticos e ensaísticos da autora, além de dados bibliográficos e das ações realizadas pela ONG.

3 Revista com publicação semestral tem como editora Alzira Rufino. Publicação do Programa de Educação e Comunicação da Casa de Cultura da Mulher Negra localizada em Santos – SP, a revista aborda especialmente temas da negritude e afirmação identitária dos afro-brasileiros.

preocupação com a situação da mulher negra brasileira, escreveu ensaios teóricos importantes, tais como: *Mulher negra, uma perspectiva histórica* (1987); *A mulher negra tem história* (1987); *Articulando* (coletânea de artigos, de 1987); *O poder muda de mãos, não de cor* (1996). E ainda publicações em anais de seminários, como os artigos *Violência contra a mulher – uma questão de saúde pública* (1998) e *Violência contra a mulher – um novo olhar* (2000), dentre outros trabalhos relevantes sobre a temática abordada.

Seja escrever para entender a sociedade brasileira na perspectiva das lutas pelos direitos humanos, dos movimentos sociais, ou para discursos de abertura de simpósios e congressos, ou escrever para manifestar um eu-lírico negro em seus poemas ou numa ficção voltada para a literatura negra, Alzira Rufino faz uso da palavra, sobretudo, no combate às práticas racistas e discriminatórias contra os negros e as negras brasileiras.

Como escritora afro-brasileira, manifesta em suas obras um caráter de afirmação e revelação da literatura negra brasileira, sendo porta-voz dos sentimentos e anseios de uma cultura e de uma história abafadas e negadas por outra, dominante e excludora. Rufino situa-se como uma autêntica escritora da literatura afro-brasileira, rasgando os véus do silêncio e afirmando os sujeitos negros em uma literatura engajada e construída a partir dos elementos da cultura e história dos povos negros, dos anseios, sentimentos e lutas dos povos da diáspora africana.

Para tanto, empreendemos aqui uma breve leitura da poesia de expressão negra feminina da escritora contemporânea Alzira Rufino, da manifestação do “eu” negro mulher em seu fazer poético. Procuramos entender como ocorre a construção identitária dos sujeitos negros femininos expressos em seus versos, partindo de um objetivo geral, que é analisar o processo de construção da identidade negra feminina na sua poesia.

Para a realização deste estudo, comungamos do conceito de literatura afro-brasileira e da constituição dos seus escritores a partir do pensamento de Moema Augel (1997), que se posiciona da seguinte maneira: “São escritores que se querem intérpretes e porta-vozes dos anseios, das dores, dos sentimentos da grande maioria anônima dos brasileiros de origem africana” (AUGEL, 1997, p. 01). A autora aponta que para ser escritor de literatura afro-brasileira é preciso um comprometimento com a causa negra, com as questões da negritude. Querendo-se, portanto, intérpretes e porta-vozes de uma literatura que representa um determinado segmento, é necessário um comprometimento etnicorracial de seus escritores; em decorrência disso existirá um *dever* negro na escrita dessas produções.

Entendemos ainda que só é possível esse comprometimento por meio de uma identidade negra construída e estabelecida, quando esses sujeitos se rebelam contra as opressões, as discriminações e as espoliações sofridas na sociedade, frutos de uma origem escravocrata. Sendo assim, corroboramos da conceituação de Munanga (1988) sobre a identidade negra, e aqui adotamos para conduzir a leitura dos poemas, para ilustrar nossas análises. Para Munanga (1988, p. 44), “A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, com desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro”. É com este orgulho, cabeça erguida, apontando a condição negra e despojada de preconceito que Alzira Rufino constrói seu sujeito negro poético, como veremos nos textos a seguir.

A POÉTICA ALZIRIANA: O SER NEGRO FEMININO EM QUESTÃO

As marcas identitárias são logo perceptíveis na poesia de Alzira Rufino; o ser negro manifesta-se integralmente em seu devir poético, sendo um dos grandes motes de sua produção.

No poema “Resisto”, que abre seu livro de poesias *Eu, mulher negra, resisto* (1988), já esclarece ao leitor a proposta de seus versos poéticos. Nesse poema encontramos uma espécie de epígrafe que anuncia os textos que virão, um pórtico de entrada por onde o leitor atravessará até os demais poemas do livro, sendo ainda uma explicação ao título da obra.

RESISTO

De onde vem este medo?

sou

sem mistério existo

busco gestos

de parecer

atando os feitos

que me contam

grito

de onde vem

esta vergonha

sobre mim?

Eu, mulher, negra,

RESISTO.

(RUFINO, 1988, p. 14).

No poema "Resisto", o eu feminino começa questionando um medo - "De onde vem este medo?" - para em seguida apontar sua existência de forma monossilábica, por meio de um enunciado curto e categórico: "sou". Este "sou" anuncia a voz e, conseqüentemente, a autoafirmação de um sujeito afrodescendente que se reconhece como tal.

Nos versos seguintes podemos ler: "sem mistérios existo/ busco gestos/ de parecer/ atando feitos/ que me contam". Nesse ponto o eu lírico apresenta-se como *simples*, no fato de sem mistérios existir e com isso buscar gestos, parecez que os contam que aos poucos e gradativamente vai se construindo. Depois dessa encadeação de verbos sucessivos - *existir, buscar, parecer, atar e contar* - que indicam a ação do sujeito, temos a quebra de mais um enunciado de bastante valor no poema, "grito".

A palavra "grito", precedida pelos versos "de onde vem/ esta vergonha/ sobre mim?", assume um expressivo valor semântico-poético, demonstrando a busca de si, do questionamento desse sujeito, de certa vergonha, existente ou criada, imposta a si. Existe, pois, uma necessidade de se autoquestionar para se reconhecer. Nesse aspecto, podemos dizer que "é colocando a violência do signo poético *no interior* da ameaça política que podemos compreender os poderes da linguagem" (BHABHA, 2010, p. 97, grifos do autor). O poema em tela revela um sujeito feminino que, por meio dessa violência do signo poético, manifesta os poderes da linguagem no sentido de sua existência, gestos, pareceres, feitos e seu grito de rebeldia.

Todos esses questionamentos são diluídos a uma conclusão ou resposta que esta brada para si: "Eu, mulher, negra, RESISTO". Nestes versos finais lê-se, entre vírgulas, as palavras *eu, mulher e negra*, cada uma representando um sujeito que assim se concebe; cada uma representando as identidades do eu poético, e, principalmente, a consciência de si diante dos questionamentos anteriormente feitos do *eu* que se manifesta no poema. Algo por fim é preciso ser dito, que ela é mulher negra que resiste, enfatizado nas letras em maiúsculo.

O autorreconhecimento e o encontro de si, revelados nos versos lidos, retratam o comportamento de diversos descendentes de negros audazes na sua busca como sujeitos e de seu lugar no mundo e consigo mesmos. Acerca disso, Fanon (2008, p. 108) explica que "Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer".

Esse "fazer-se reconhecer enquanto negro", conforme suscita Fanon, é assumido pelo sujeito poético do poema "Resisto" quando após interrogar-se, questionar-se do medo de sua existência, por fim, de forma pausada, explica quem é, e a que grupo pertence: mulher, negra que resiste.

Essa necessidade de autoafirmação não ocorre por acaso nos versos de "Resisto"; esse poema surge como resposta ao processo de depreciação que a imagem do negro sofreu e vem sofrendo desde a época da escravidão, das tentativas gradativas de dismantelar a identidade desses sujeitos, criando, entre alguns sentimentos, o de inferioridade. A esse respeito, Neusa Souza (1983), em seu livro *Tornar-se negro*, analisa as relações do sujeito negro com o meio da ideologia branca e racista, que procura anular e negar a presença do negro. Segundo a autora, essa anulação e essa negação vão acontecer a partir do dismantelar da identidade afrodescendente, e uma vez essa identidade fragmentada, perde-se o sentimento de solidariedade do ser negro. A autora explica que:

Incentivos e bloqueios a esse projeto eram engendrados pela estrutura das relações raciais que se comportavam de modo ambíguo - ora impondo barreiras, ora abrindo brechas à ascensão social do negro - mas que, dentro dessa ambivalência, cumpria as mesmas e inequívocas funções de fragmentar a identidade, minar o orgulho e dismantelar a solidariedade do grupo negro (SOUZA, 1983, p. 21).

Dessa forma, autoafirmar-se, reconhecer-se e resistir são estratégias na construção da identidade negra para impor-se diante das ideologias do branco colonizador, dos projetos engendrados para embranquecer e fraturar sua identidade, conforme Souza (1983). Essa solidariedade apontada pela autora é uma espécie de "sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los e a preservar nossa identidade comum" (MUNANGA, 1988, p. 44).

Quando esse sentimento de solidariedade é rompido, os vestígios dos descendentes da África, de seu passado comum, de suas ancestralidades e das mazelas vividas no passado e no presente são diluídos em partes, e com isso, enfraquecem os movimentos de organização do sentimento negro em torno de uma causa comum.

Rufino, nos poucos versos do poema "Resisto", apresenta a resistência e determinação de um sujeito lírico negro que busca sua identidade e se firma como tal. Nesse texto poético temos o grito indignado de um sujeito feminino que quebra todas as vergonhas, seus medos e mistérios para assumir a simplicidade de ser mulher e negra, que mediante todas as circunstâncias, resiste.

Na linha do poema "Resisto", nos versos de "Resgate" é possível ler um sujeito negro feminino que apresenta e afirma sua identidade negra. Nesse texto podemos perceber um sujeito feminino mais categórico e também rebelde, um sujeito que se diz "sem reticências, sem vírgulas, sem ausências", que é negro, e se pontua da seguinte maneira:

sou negra ponto final
 devolvo-me a identidade
 rasgo minha certidão
 sou negra
 sem reticências
 sem vírgulas sem ausências
 sou negra balacobaco
 sou negra noite cansaço
 sou negra
 ponto final

(RUFINO, 1988, p. 88).

Já pelo título “Resgate” a voz lírica que se expressa no poema resgata não somente sua história, bem como, e, principalmente, sua identidade e origens. A voz lírica procura resolver de uma vez por todas qualquer dúvida ou especulação em torno de sua identidade negra. Rufino, por meio de elementos poéticos, a começar pela ausência do uso de qualquer pontuação, buscando uma retomada incisiva em torno de sua identidade, assume uma ordem direta dentro do tecido poético. Com este recurso – o da ausência de vírgulas, reticências, ponto-final – a voz lírica marca o território da sua ancestralidade, do seu espaço como sujeito e de como quer ser tratada. Esse exercício realiza-se por meio dos caminhos da consciência de si e de seu espaço como sujeito negro.

Nos três primeiros versos, “sou negra ponto final/ devolvo-me a identidade/ rasgo minha certidão”, o sujeito enunciativo elabora uma espécie de recuperação de seu passado primeiro, e com um *ponto-final* dá fim às especulações sobre sua ancestralidade, seguida de um devolver de si, decorrido de uma certidão rasgada. Esse gesto simbólico de “rasgar a certidão” funciona como forma de negação às leis e dominação do branco colonizador, uma vez que os negros vindos da África, quando aqui chegavam, eram batizados com outros nomes e iniciados na religião do colonizador, ocorrendo uma perda de sua identidade originária. Nesse aspecto, Bhabha (2010, p. 73) explica que “os olhos do homem branco destroem o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão é perturbado”.

Para tanto, percorrendo os caminhos de revisão do olhar do branco sobre o corpo negro, é forçoso afirmar que o ato simbólico de rasgar a certidão e dizer-se negra sem reticências, sem vírgulas e sem ausências é recuperar seu passado, sua identidade e suas origens.

Diante da constante luta travada pelo negro para atingir seu lugar na humanidade e seu espaço na sociedade, Du Bois (1999, p. 54) explica que:

A história do Negro americano é a história desta luta – este anseio por atingir a humanidade consciente, por fundir sua dupla individualidade em um eu melhor e mais verdadeiro. Nessa fusão, ele não deseja que uma ou outra de suas antigas individualidades se percam. Ele não africanizaria a América, porque a América tem muitíssimas coisas a ensinar ao mundo e à África. Tampouco desbotaria sua alma negra numa torrente de americanismo branco, porque sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Ele simplesmente deseja que alguém possa ser ao mesmo tempo Negro e americano sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus camaradas, sem ter as portas da Oportunidade brutalmente batidas na cara.

É, pois, a partir dessa histórica luta na busca por respeito e lugar de aceitação diante do outro, que o sujeito negro tem aspirado no seio das relações que o cercam seu espaço e aceitação. Como elucida Du Bois (1999), este não deseja que suas antigas individualidades se percam. Por isso entendemos a necessidade, muitas vezes, do “resgate” empreendido pelo eu lírico do poema de Alzira Rufino, esse “resgate” que vem ainda acompanhado da ideia de “rasgar os véus do medo”, como também fala Du Bois.

Assim, em consonância com Elio Ferreira de Souza (2006, p. 196), entendemos que “é preciso o poeta negro se dizer negro nos seus próprios versos, falar dos nossos sentimentos, contar nossa história, invocando o poder da Palavra em todos os tempos e lugares do mundo negro”. Esse dizer-se negro, apontar-se como sujeito autoral na escrita poética, como o detentor da sentimentalidade que manifesta em palavras, funciona mais que o ato puro e legítimo de poetizar ou versificar seus sentimentos; nessa compreensão temos o próprio ato de uma construção identitária e ideológica que se desfia na escritura do poeta e da poetisa afrodescendente. Existe, com isso, sua produção na condição de sujeito autoral e identitariamente consciente.

O que fica marcado na poética de Alzira Rufino, a partir da análise desses dois poemas, é que os sujeitos afro-femininos que falam nos textos buscam se projetar numa escrita para além dos desafios do “entrelugar”, como proposto por Bhabha (2010), e travam essa luta em se autoafirmarem diante de suas individualidades e desafios, como propõe Du Bois (1999).

A consciência de si, um sujeito autoral identitariamente reconhecido, o véu da indiferença rasgado, o estágio da resignação superado e a necessidade de se manifestar enquanto sujeito negro feminino são características que marcam esses dois textos poéticos da escritora Alzira Rufino. Nessas produções, os sujeitos enunciativos são

bem similares: no primeiro, por meio da resistência, mostra sua força e consciência de mulher negra que resiste; e no segundo, pelo resgate e uma identidade devolvida, afirma-se também como mulher negra. E, por fim, ambas convergem ao mesmo ponto: são identitariamente conscientes de sua afrodescendência e se declaram negras e ponto-final.

Mulheres negras que resistem: imagens femininas

A proposta do livro que tomamos como objeto de estudo, *Eu, mulher negra, resisto*, já pelo título anuncia a que veio. A autora, como ativista política, aliou sua estética literária ao ideal político do coletivo negro, especificamente das figuras femininas. Desse modo, encontramos a personificação de mulheres negras que fizeram história no campo da luta contra o racismo e contra a discriminação de gênero e cor presentes na sua obra.

Por meio dos seus antepassados, do coletivo negro e das imagens do povo da diáspora negra, Rufino elabora a memória e a identidade de sua poesia afrodescendente. Em dois poemas é prestada uma homenagem a duas mulheres negras que tiveram uma importante participação na luta contra os sistemas racistas e sexistas de suas épocas. A primeira delas é a figura de Luíza Mahin, mãe do poeta Luís Gama, um dos precursores da literatura afro-brasileira. A segunda seria a imagem da contemporânea sul-africanense Winnie Mandela, ex-esposa do ativista Nelson Mandela.

Seja na Bahia do século XIX ou na África do século XX, Rufino resgata, na particularidade de cada uma dessas mulheres, suas posições e importância no contexto das lutas das mulheres negras. Cada uma, a seu modo, embasa o movimento militante de mulheres negras como referências de resistências que travaram no cenário de ideologias racistas e sexistas de suas épocas.

Em “Luíza Mahin”, Rufino traz à cena poética a emblemática figura de uma das negras que tiveram maior destaque no século XIX na histórica Revolta do Malês, na Bahia. Mahin participou na luta contra a escravidão e na busca pelos direitos dos negros. Segundo Lopes (2004, p. 399), Mahin foi uma

revolucionária baiana de origem daomeana. Tornou-se livre por volta de 1812 e, trabalhando como quituteira e quitandeira, deu suporte a várias revoltas de escravos, principalmente fazendo circular mensagens contra os insurgentes. Na repressão à grande Revolta dos Malês, em 1835, teria conseguido fugir para o Rio de Janeiro, onde foi presa e provavelmente deportada para a África.

Fazendo alusão à histórica Revolta dos Malês e de uma das suas principais figuras negras, Alzira Rufino mais uma vez contempla a memória, a identidade e a história do povo negro de forma positiva e valorativa. Tomando a figura da revolucionária e mãe do poeta Luiz Gama como seu embalo de composição literária, no poema “Luíza Mahin”, Rufino desvela uma sucinta história e pontos marcantes das características dessa mulher:

Luíza Mahin

Filha de gêge
na escravidão
Luíza Mahin
sofria os negros

Luíza de gêge
mulher em luta
todo dia toda noite
em espadas

Mahin dos Malês
posição ao sol couraça

Luíza revolta a noite
vermelho o chão da Bahia

(RUFINO, 1988, p. 17).

Nesses versos, como em outros da autora, a memória do coletivo negro é mais uma vez acionada como forma de homenagear uma simbólica figura negra e de resgatar a história e identidade dos afro-brasileiros. Por meio de construções poéticas simples, girando em torno do nome da heroína negra, repetidos em cada estrofe, Rufino vai caracterizando Luíza Mahin e tecendo a poesia da vida dessa insurgente.

No verso “Filha de gêge” a autora se remete à origem de Mahin, sendo os gêges originários do antigo povo de Daomé (daomeanos), onde hoje é atual República do Benin. Os gêges é uma das linhas herdadas pelos afrodescendentes das matrizes de religiões de origem afro (VERGER, 1997).

Novamente a imagem da escravidão é retomada nos versos da poetisa como lembrança do passado e dos sofrimentos – “sofria os negros”. Porém, mediante todo o contexto de sofrimento, Luíza de gêge apresenta-se como uma “mulher em luta/ todo dia toda noite/ em espadas” (RUFINO, 1988, p. 17).

Por fim, a imagem da guerrilheira negra do século XIX, associada a uma das mais importantes revoltas desse período, é retomada no poema de Rufino de modo a homenagear Luíza Mahin e a contribuir no espaço da memória coletiva do povo negro.

Dialogando com o poema “Luíza Mahin”, nos versos de “Winnie”, que também logo pelo título já demonstra a quem se dirige o texto, encontramos outra importante personalidade do movimento negro, agora contemporâneo, no contexto de lutas e igualdade em torno da causa da negritude.

No poema “Winnie”, Rufino presta uma homenagem a uma das mulheres negras de maior destaque no cenário internacional na luta contra o racismo, Winnie Mandela. Ativista política na África do Sul nos anos 60 e 70 do século XX, Winnie ficou conhecida internacionalmente não apenas por ser a esposa do grande líder político sul-africano Nelson Mandela, mas, principalmente, pela sua luta contra o regime de segregação, o *apartheid*, que imperava na África do Sul. Além disso, Winnie Mandela foi a primeira Assistente Social negra em seu país, desenvolvendo importantes ações nesse setor.

Por esse importante papel e destaque de Winnie para o coletivo negro, e de suas ações realizadas em contextos tão adversos na África do Sul, Alzira Rufino em *Eu, mulher negra, resisto*, tece fios poéticos em torno da figura dessa mulher negra que resistiu.

O eu lírico que fala nos versos estabelece uma espécie de diálogo sem a presença a quem se destina o texto, no caso Winnie Mandela, encorajando-a e pedindo que resista, assim como Nelson Mandela. Na esperança que diante da neblina o outro dia amanheça, o eu poético compara a dor da luta à dor do câncer, mas que, mesmo assim, Winnie resista.

Winnie, não perca a garra
porque Mandela resiste
Winnie, se o câncer mata
mais que a luta não maltrata

Winnie, a luta é neblina
noite também amanhece
e o negro mostra pingos
não o olhar de mendigo

com o seu toso teça
a chegada da manhã
Winnie, mulher, seja
Seja.

(RUFINO, 1988, p. 21).

Nos últimos versos, como um apelo, o sujeito poético levanta votos de esperanças anunciando “a chegada da manhã”. Por fim, “Winnie, mulher, seja/seja” temos nesses versos o destaque para o vocábulo “mulher”, que está entre vírgulas, como forma de caracterizar ainda mais a figura de Winnie Mandela enquanto mulher negra que luta e resiste, destacando, portanto, a condição da feminilidade da sul-africana, no incentivo para que esta “seja/ seja”, na voz imperativa, como uma forma de estar sempre presente, autoafirmando-se e lutando por aquilo em que ela acredita.

Nas figuras de Luíza Mahin, no século XIX, e de Winnie Mandela, no século XX, mesmo pela aparente diferença no tempo histórico de cada uma dessas mulheres e de seus contextos políticos e sociais de suas épocas, ambas rompem com a linha do tempo e se aproximam. Luíza Mahin e Winnie Mandela foram mulheres negras, militantes de uma causa e resistiram, ao seu modo, ao sistema racista e sexista de suas épocas e regiões.

Por meio dessas imagens negras femininas, Alzira Rufino dá formas em sua poesia ao ideal de luta que essas mulheres empreenderam, buscando, nessas heroínas do presente e do passado, modelos e virtudes para a construção da identidade das mulheres negras nos dias de hoje e na reconstrução do coletivo negro como um todo. Sobre os elementos acionados pelos autores negros como impulso para as suas construções textuais, Florentina Souza (2006, p. 68) explica que:

Os elementos da etnicidade negra, como cor da pele, passado histórico, ancestralidade africana, tradição religiosa e linguagem ritual aparecem e fixam-se como componentes dos textos impulsionados pelas experiências e dramas vivenciados no cotidiano e na história dos afro-brasileiros que, em vários momentos, expressam o desejo de incluir outros excluídos e de interferir nos sistemas de determinação de valor. Pretendem instalar uma outra pedagogia, munida de símbolos e histórias que permitam a construção de outro discurso valorativo e de outros paradigmas críticos e de análise.

Nessa esteira, entendemos que a autora em questão, ao incluir na sua poética as imagens de mulheres negras que obtiveram destaque na luta contra o racismo e os sistemas de discriminação pelo fator cor, relegando uma raça a condições subalternas, procura, consoante com Souza (2006), instalar uma nova pedagogia, interferindo nos discursos e paradigmas de sua época.

Desse modo, Alzira Rufino, ao trazer a seu leitor Luíza Mahin e Winnie Mandela, reforça a proposta central da sua obra poética, que é levar à cena literária as agruras, imposições, situação social, passado histórico e resistências do povo da diáspora negra, simbolizados pelas imagens dessas mulheres históricas. Com isso, concordamos com Pollack (1992, p. 204) quando afirma que:

a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Partindo de leituras próprias, do contexto de sua memória individual e coletiva, Rufino, em sua literatura, reescreve a imagem do negro e da negra brasileiros, rompendo espaços, desafiando os discursos canônicos e revelando a memória histórica de um grupo relegado a participar da história oficial de maneira positiva.

Sendo assim, percebemos a identidade negra sendo ressignificada, rediscutida e construída no âmbito da literatura, por meio de seus próprios elementos históricos, culturais e de seus heróis e heroínas, não mais pelo olhar do outro, mas pelo do próprio negro, dono da pena e da palavra, apropriando-se do seu discurso, ora de dor, ora de louvor, sobre si e seus descendentes, como é o caso da literatura de Alzira Rufino.

CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA POÉTICA

A leitura do livro *Eu, mulher negra, resisto* nos direciona ao universo negro-feminino e abre caminhos para discussões sobre gênero e etnia. Portanto, os desdobramentos literários e políticos somam-se no devir poético de Rufino, dando contornos e nuances a uma literatura que descreve os costumes, as relações pessoais e individuais, a história, a memória, os dramas, as complexidades sociais envolvendo a vertente e as questões de raça e gênero, marcas primeiras da literatura da autora.

A incursão pela poesia de Alzira Rufino nos conduz à compreensão acerca do entendimento da identidade negra do sujeito poético que se manifesta em seus versos, de modo a entendermos como ocorre a construção positiva e de como se dá a autoafirmação do ser negro em seus versos. Com poemas que em sua maioria são *eu poéticos femininos* que se expressam, Rufino tece uma poesia que levanta a história, a memória e o sentimento do coletivo negro. O ativismo político da escritora é reflexo direto na sua literatura, sendo a sua própria história e atuação como militante política e engajada em movimentos sociais e sensível à causa da diversidade motes para a sua poética.

Por se tratar de uma literatura que em grande parte aborda dois delicados temas: gênero e etnia, as discussões sociais e políticas sobre as mulheres negras é a principal proposta que gira em torno do livro que ora analisamos, sem pretensões de apresentarmos uma única leitura.

Desse modo, um dos principais mecanismos encontrados pela autora para superar essas barreiras da dupla discriminação é desenvolvido a partir da construção positiva dessa identidade negra. O sujeito negro feminino que se

manifesta nos versos de Alzira Rufino é assumidamente negro e cômico de suas origens e passado histórico.

Nessa obra temos, além da *autopresença*, a mulher negra que se *autoescreve*, conforme Bhabha (2010), o próprio relato poético das relações etnicorraciais existentes em nosso país. A mulher negra, que resiste por meio de seus versos, fala pelas gerações do presente e do passado e, por que não dizer, pelas gerações futuras também.

A miríade de temas abordados por Rufino na sua poética ultrapassa os limites literários e atinge o seio, as histórias, as lutas e a resistência dos povos negros, a maneira de como estes se autorrepresentam, querem ser vistos e como se reconstróem frente a uma sociedade racista e excludente. Em alguns versos é perceptível a sutileza lírica da autora, o trato poético bem organizado de sua poesia; em outros encontramos um tom mais diretivo e categórico da representação e denúncia dos problemas raciais e de gênero enfrentados.

Nesse aspecto podemos dizer que a obra de Alzira Rufino consubstancia-se numa atmosfera literária e política, enviada a partir da perspectiva de uma mulher negra militante, defensiva e voltada às condições históricas e sociais dos sujeitos negros, sendo estes eleitos como mote principal de sua escrita, matéria viva e pulsante da qual provém grande parte de seus versos.

Portanto, procuramos, com nossas análises em torno da poética da escritora negra Alzira Rufino, traçar uma leitura sobre as questões de identidade e etnicidade presentes no conjunto poético da autora e, além disso, apresentar aos leitores a vida e produção literária dessa escritora ainda pouco conhecida no cenário literário, a fim de que, daqui, quem sabe, novas pesquisas sobre o tema da literatura afro-brasileira, e novas leituras da poesia de Alzira Rufino possam surgir.

E com isso...

Nesses versos negros
que não seja o meu poema
apenas um grito escrito
com a negritude da tinta,
Mas, que neles alguém se sinta
espelho do meu inspirar
sob a tradução da minha negritude.
Busco aqui, não traçar
a vil fronteira étnica
que faz do ser humano,
maestro/algoz da imbecilidade:
Muito mais que tudo isso,
almejo a conexão da sensatez.

(BAHIA, 1988, p. 18).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- AUGEL, Moema Parente. A imagem da África na poesia afro-brasileira contemporânea. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 19/20, pp. 183-199, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. SEPP/IR. INEP. *Diretrizes Curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana*. Brasília-DF, 2004.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.
- DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: UDUFBA, 2008.
- LOPES, Ney. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.
- POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". In: *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, Rio de Janeiro, 1992, pp. 200-2012.
- RUFINO, Alzira. *Eu, mulher negra, resisto*. Santos: Edição da Autora, 1988.
- SOUZA, Elio Ferreira. *Poesia Negra das Américas*: Solano Trindade e Langston Hughes. 2006. 369 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Artes e Comunicação,
- SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás, deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. 5. ed. Salvador: Corrupio, 1997.